CLASSIFICAÇÃO DO MAL-ESTAR E MEDIDA COMUM DE ALIENAÇÃO

MALAISE CLASSIFICATION AND COMMON MEASURE OF ALIENATION

Ana Maria Medeiros da Costa
Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), realizou pós-doutorado em Paris, na Université de Paris XIII. Professora na Pós-graduação em Clínica e Pesquisa em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Correspondência
Associação Psicanalítica de Porto Alegre
Rua Farias Santos, 258
e-mail: ammcosta@terra.com.br

RESUMO
Este trabalho buscará diferenciar entre as intenções classificatórias constituintes das abordagens científicas e as propostas da clínica psicanalítica. Propõe as intenções classificatórias como estando referidas a uma medida comum de alienação. Esta alienação interfere nas descrições nosográficas. Neste sentido, situa as mesmas como buscando uma eliminação do mal-estar pela exclusão do sujeito da experiência. Assim, buscará precisar as relações entre sujeito e experiência singular.

PALAVRAS-CHAVE
Psicanálise. Psicologia. Psicopatologia. Teoria psicanalítica.

ABSTRACT
This work is a search of the establishment of the difference between the classificatory intentions that constitute the scientific approaches and the proposals of the psychoanalysis clinic. It proposes the classificatory intentions as being referred to a common measure of alienation, like a part of the description of nosography itself. In this sense, it situates these descriptions as seeking an elimination of sickness by the exclusion of the subject of the experience. Thus, it will search to clarify the relations between the subject and unique experience.

KEY WORDS
Psychoanalysis. Psychology. Psychopathology. Psychoanalytic theory.

A reação mais corriqueira ao mal-estar, em suas diferentes formas, é a inclinação pela sua imediata supressão. Encontramos na clínica dois vetores dirigidos por essa inclinação: por um lado, um determinante do consumo, que prescreve as condições de circulação de valores; de outro, uma proliferação de descrições nosográficas, sempre novas, em estreita interrelação com a indústria de psicofármacos. Sublinhamos, desde já, esta relação entre consumo e indústria, compreendida também aí a de medicamentos, independente da necessidade de sua prescrição. Temos desenvolvido um aparente domínio do real, de maneira que as barreiras por onde se figuram os impossíveis são constantemente transpostas. Assim, a insuportabilidade do mal-estar leva-nos à procura por dominá-lo, o que nos situa, de imediato, na busca das promessas de suprimi-lo. No entanto, a psicanálise reconhece a impossibilidade de dominar completamente o mal-estar, na medida em que o mesmo faz parte da civilização, sendo inclusive responsável por criá-la. A busca de domínio coloca o sujeito numa posição de exterioridade e estranhamento em relação a suas expressões sintomáticas.

Este posicionamento da psicanálise recoloca, de uma maneira diferente, elementos recusados na pressa por eliminar desconfortos, que acompanham a relação entre sujeito e experiência. A experiência, aqui, diz respeito à possibilidade de transpor diferentes formas de alienação, prescritas no laço social, como a ordenação pelo consumo. Somente por considerar a relação entre sujeito e experiência é que podemos situá-lo num lugar singular num laço discursivo. Este lugar não diz respeito a uma visada narcísica e o encontramos referido a diferentes produções. Dentro de um percurso em psicanálise, por exemplo, o lugar do sujeito pode situar-se no exercício da fala enquanto uma experiência singular, ligada ao ato de enunciação. Ou seja, quando, em momentos fugazes, o sujeito se encontra com seu lugar de enunciação, a fala se produz como experiência. No mais das vezes, ela serve para encobrir, ou mesmo para mostrar somente o que o outro espera. Em suma, a fala, como qualquer outra expressão do sujeito, pode se esgotar num exercício exterior a uma experiência que singulariza.

Qual seria, então, um denominador comum a essa exterioridade do sujeito em relação à própria experiência? Como podemos circunscrever essa questão em termos de laço social? De maneira imediata podemos pensar na correlação com o valor vigente, suporte do consumo, como colocado acima. O sistema responsável pela constituição dos valores, colocados em circulação, sustenta a referência a uma medida comum de valores. Essa "medida comum" é resultante da resposta direta ao ponto máximo de alienação do discurso que organiza nosso sistema de valores.

A partir do colocado, podemos pensar que a questão da satisfação comporta duas faces. A primeira, a face da falta, de alguma coisa não realizada que costuma dirigir as referências ao desejo. Na segunda, uma outra satisfação, que leva o sujeito à submissão a uma forma de gozo sintomática e que o faz padecer. Na clínica encontramos uma grande incidência desta submissão, dizendo respeito à constituição ilusória de um domínio sobre o corpo.

É desta inclinação ao domínio que fazem parte as distintas intenções classificatórias, contidas nas propostas de nosografias. A prática da clínica psicanalítica se diferencia, desde sua fundação, desta intenção classificatória. "Classificar" mantém a ilusão de uma condição intrínseca ao objeto classificado, ilusão esta responsável pela clivagem da experiência do sujeito classificador, que se mantém excluído da mesma. Este trabalho tenta diferenciar entre as intenções classificatórias, que fazem parte

de descrições nosográficas, e as propostas da clínica psicanalítica. Para tanto, busca precisar as relações entre sujeito e experiência singular.

Classificação e saber

O tema da classificação traz em seu bojo o estabelecimento de identidades e diferenças, tanto quanto o de equivalências; em suma, a constituição mesma de uma taxonomia - um sistema de classificação. Esta última resulta da forma como construímos as representações, sua ordenação num campo de saber. Assim, existe uma correlação necessária entre representação e saber, muito bem teorizada, tanto por Lacan (1985), quanto por Foucault (1990). Percorreremos alguns caminhos de análise que nos permitirão estabelecer uma crítica em relação às intenções classificatórias contemporâneas.

Há representações que desafiam tanto o senso comum, quanto a mais desenvolvida ciência. O ponto fundamental de organização dessas representações diz respeito a diferentes relações do saber. Tentaremos precisar, através de exemplos, essas referências, que trazem desde banalidades cotidianas até psicopatologias estruturadas. Escolhemos exemplos que nos permitem elucidar algumas posições.

Num primeiro, a fala de uma senhora, na sua simplicidade, que comentou com sua chefia que iria interromper a ingestão de um remédio. Este lhe fora receitado por graves problemas cardíacos. Seu argumento é de que lhe fazia mal ao estômago. Decide isso sem consultar o médico que o receitara. Quando a chefia lhe pondera que - devido a seu grave problema - seria um grande risco à sua saúde, ela argumenta que, se morresse, o problema seria de seu médico e não dela. Essa resposta curiosa não cessa de nos produzir indagações. Ousamos afirmar que ela coloca em causa uma clivagem que se repete em toda consulta médica, mesmo quando se trata de pacientes iniciados e conhecedores do assunto. A natureza desta clivagem diz respeito ao fato de que a representação do corpo - que interfere em toda apreensão que possamos fazer do mesmo - é extremamente complexa e não pode ser reduzida a um conhecimento exterior. Assim como esta senhora nos demonstra, existe o corpo do discurso vigente - no caso, o discurso de seu médico - e existe essa expressão que faz corpo nela, nos sintomas que ela desenvolveu. Não é possível, para esta senhora, que o mal-estar de seu corpo se reduza ao discurso médico.

Este caso, tomado na sua simplicidade, indica-nos questões valiosas a serem consideradas na relação médico-paciente. Demonstra que os efeitos de clivagem entre discurso e sintoma podem afetar, entre outras coisas, a assimilação da medicação. É possível acompanhar inúmeros casos de analisandos onde isso está em causa. Neles, vemos perfilarem-se questões complexas. De um lado, quando surge uma disponibilidade sintomática ao saber médico que produz efeitos de sugestão ligados à indicação do medicamento. Mesmo que inicialmente possa parecer resolver o problema, ao longo do tempo e de buscas reiteradas, por diferentes queixas, acabam esvaziando sua eficácia. De outro, na esteira do exemplo colocado, há os efeitos de um saber que se instala numa relação de domínio. A reação da senhora busca retomar um domínio suposto sobre o corpo.

Já em outro exemplo, uma mulher relata que no período em que estava grávida de seu filho apresentava uma total ausência de registro físico e/ou psíquico dessa gravidez. Sua barriga não se desenvolvera e, um dia, com dor de barriga, deposita seu filho na patente, no lugar do cocô. Durante oito meses *ela não sabia* que estava grávida: não percebeu nenhum dos sinais corriqueiros e nenhum dos olhares que a

acompanhavam, no lugar onde morava, registraram esse feito. Neste caso, essa espécie de clivagem trouxe efeitos importantes para seu filho, que desenvolveu uma psicose (que já se expressava nesta mulher).

A clivagem que se situa neste último caso é diferente tanto do primeiro exemplo, quanto daquilo que Freud (1975e) denominou *formações do inconsciente*. Nestas últimas, situa-se um insabido que, de qualquer forma, opera como um saber - o saber inconsciente. Lacan (1998) expressou algumas vezes esse tema por meio da análise de um sonho - relatado por Freud (1975e) - que continha o seguinte texto: *ele não sabia que estava morto*. Encontramos essa construção onírica em muitos contextos clínicos, quando analisandos sonham com seus mortos que retornam e que lhes falam, mas sempre acompanhados, durante o sonho, pelo pensamento: *ele não sabe que está morto*.

Freud (1975e) define, na análise do sonho referido, uma determinada relação ao desejo de morte do sonhador, desejo, este, acompanhado de culpa. Já Lacan, (1998) sem desprezar a formulação freudiana, chama atenção para a estreita relação entre o saber inconsciente e a clivagem: esse *não sabia* do sonho que cinde esses dois lugares onde o ele aparece no enunciado. Ou seja, o enunciado desse sonho é paradigmático de todo enunciado que refira um saber inconsciente: aquele que enuncia (no caso, o sonhador) mantém-se numa relação de *extimidade*[1] com o seu inconsciente. Ao mesmo tempo ele *é isso* e *não é isso*. Também por esta razão é que com o inconsciente temos sempre abertura e fechamento; por mais tempo de trabalho clínico que tenhamos, seus efeitos sempre surpreendem.

Como é possível perceber, a escuta que a psicanálise propõe coloca em causa uma referência particular ao saber. Este saber sempre produz efeitos de clivagem e é índice da alienação do sujeito ao que Lacan (1998) denominou campo do Outro, onde estão estruturados os discursos, inclusive o da ciência. De certa forma, esta referência está na base de toda construção que os humanos fazemos do mundo, na medida em que ela se estrutura na própria constituição do sujeito. Assim, não é possível desconsiderá-la na abordagem que estamos situando aqui.

Pois bem, de acordo com estas proposições, não é possível dissociar a construção das representações - ou seja, a forma como percebemos o mundo e também fazemos ciência - da posição em que o sujeito se situa nessas mesmas representações, que são dependentes de uma medida de alienação. Como indicado anteriormente, a construção do saber é, em si mesma, índice de alienação ao discurso. Michel Foucault (1990) - numa publicação já clássica, denominada *As palavras e as coisas* - propõe que toda representação parte de uma ordenação do discurso e - acrescentamos de nossa parte - esta é inconsciente para aquele que está incluído nessa mesma ordenação. O ponto de partida do autor se fundamenta num escrito de Borges (apud Foucault, 1990), onde este autor cria uma enciclopédia de seres fantásticos, e nela o escritor propõe classificações absurdas, que incluíam esses seres imaginários, tanto quanto configurações que rompem com a forma na qual nossa percepção foi educada. Comentando o escrito de Borges (1990), Foucault (1990, p. 8) diz:

> O embaraço que faz rir quando se lê Borges é por certo aparentado ao profundo mal-estar daqueles cuja linguagem está arruinada: ter perdido o 'comum' do lugar e do nome.

[1] Extimidade é um neologismo criado por Jacques Lacan para propor que as formações do inconsciente constituem, ao mesmo tempo, um dentro/fora, na medida em que expressam uma estreita relação do sujeito com o Outro - lá de onde o sujeito recebe suas referências de linguagem.

> Atopia, afasia. No entanto, o texto de Borges aponta para outra direção: a essa distorção da classificação que nos impede de pensá-la, a esse quadro sem espaço coerente Borges dá como pátria mítica uma região... uma grande reserva de utopias.

A "reserva de utopias" a que Foucault (1990) se refere é a China, lugar a que Borges (1990) atribuiu à criação da enciclopédia fantástica. Para o autor, Borges (1990) produziu nessa obra uma taxonomia que sustenta um pensamento sem espaço, onde as palavras são categorias sem tempo nem lugar. Partindo desta construção irônica, é possível perceber seu contraponto: que também nossos sistemas classificatórios são arbitrários e, segundo tempos e lugares (talvez futuros), também podem ser considerados "fantástico" (no sentido de ficcional). Podemos dizer, na esteira dessas observações, que nosso topos é a linguagem, responsável pela produção das figuras de nossa percepção, onde também se situa a construção de nossa ciência.

Ciência e crença

Destacamos antes as condições de clivagem como fazendo parte da produção mesma do saber, sendo que essa clivagem resulta da inclusão do sujeito na experiência. A ciência precisou excluir o sujeito para produzir seus sistemas, na busca de produzir um saber objetivo. No entanto, cabe uma indagação: mesmo que essa exclusão seja buscada, sua total realização é possível? Ou seja, em que medida, e sob quais condições, a ciência produz um saber objetivo?

No livro *Totem* e *tabu*, Freud (1975d) faz uma proposição de base para a construção das condições de representação humanas, num diálogo com a antropologia. Sendo filho do iluminismo esclarecido, o autor é bastante otimista e propõe a superação da religião pela ciência: no caso que lhe interessava, a psicanálise como representante da ciência. O que seu tempo e lugar não lhe permitiram reconhecer é que a estreita interrelação entre o funcionamento do psiquismo, com a forma de organização social em que está inscrito, afeta também a ciência. Ou seja, para sermos consequentes com a descrição que Freud (1975d) propõe em *Totem* e *tabu*, teríamos de concordar que, assim como a religião, a ciência também está afetada por um sistema de crenças. Que não há como eliminar da forma como o sujeito representa o mundo (aqui pensamos também nos cientistas), a submissão a um temor ao aniquilamento, que é a fonte de suas crenças "irracionais", ou mesmo daquilo que é próprio às formações do inconsciente, de acordo com a análise proposta pelo autor neste texto.

Um dos elementos no qual Freud (1975d) se apoia para diferenciar a representação de mundo de tribos primitivas e a nossa, afetada pela ciência, situa-se nas construções denominadas animistas. O autor diferencia esses dois polos, como se a ciência pudesse ter sido preservada do modelo *animista*, que se plasma na infância de todos. Pensamos, no entanto - e discordando do otimismo freudiano - que mesmo havendo um diferencial, a ciência carrega as ferramentas que os sujeitos utilizam para sua taxonomia. Ao tentar situar-se como um entre outros - ou seja, como sendo olhado desde fora, numa posição de exterioridade e domínio de suas representações, o cientista carrega, como já indicamos, a clivagem própria à produção do saber. A necessidade desse funcionamento está em que a sobrevivência apoia-se nas condições em que se produzem as representações, o que implica o saber como índice de alienação do discurso, submetido às clivagens antes referidas.

Ou seja, que na ausência de um sistema prescritivo instintual, o mundo e o meio

ambiente do sujeito tornam-se afetados pelo lugar desde onde ele se representa. É preciso, também, considerar que neste representar encontra-se sempre uma medida de criação. No sistema animista o sujeito somente descreve passivamente aquilo que é sua *alma*: a animação e representação da natureza e do mundo, nas condições de poder situar-se, diferenciar-se e, neste processo, defender-se. Na esteira desta mesma questão, pode-se muito bem pensar que no sistema científico o sujeito produz ativamente sua *alma* nos objetos, com a ilusão de que está somente descobrindo-os num método objetivo.

Num primeiro momento, o otimismo freudiano propõe que a ciência se situa do lado de um "reconhecimento de pequenez", ou mesmo "resignação à morte" como destino comum às coisas naturais. No entanto, se pensarmos nas vias encontradas como representação de mundo, propostas pelo discurso que nos sustenta, questionaremos esse otimismo.

Não somente a persistência de um animismo, como propõe Freud (1975d), mas também os efeitos do monoteísmo fazem parte do recalque empreendido pela ciência. Ou seja, há uma sobreposição entre religião e ciência na cultura ocidental. O desenvolvimento da própria ciência carrega as formas de recalque que a religião monoteísta imprimiu durante séculos. Como curiosidade: a mídia divulgou um comunicado, em dezembro de 2002, da empresa Clonaid, em que anunciava o nascimento do primeiro bebê clonado do mundo. O anúncio foi feito por Brigitte Boisselier, diretora da Clonaid, que informou que o clone - uma menina - era uma cópia idêntica de sua mãe. Evidentemente, esse anúncio nunca foi confirmado. Uma questão importante: a empresa Clonaid era subsidiária de uma seita, dirigida por um líder nomeado Rael. Talvez não seja tão surpreendente que o último desenvolvimento científico - a clonagem humana - tenha sido desfraldado como bandeira de uma seita. Parece-nos que o efeito de absurdo, provocado na época em que isso foi divulgado, é o resultado de que tenha sido apresentado como religião: ou seja, de alguma maneira esta forma de apresentação vem simplesmente interpretar aquilo que a ciência pode se tornar.

Saberíamos diferenciar o real que - mais do que revelamos - *criamos* com a ciência, de outros sistemas de crença? Ou seja, em quê nossa busca de conhecimento - logo, de intervenções no real - pode diferenciar-se de nossas defesas psíquicas, como o é o horror ancestral ao sexo e à morte? Retorna, neste horror, a defesa contra o representante máximo de nossa posição objetal, onde está implicada nossa relação com a origem e a finitude.

Mesmo que por vezes Freud (1975d) fosse otimista em relação à ciência, ele também era sensível à extensão das defesas do psiquismo. Assim, muitas vezes se re-posicionava a partir das constatações de seu trabalho. A seguinte passagem de *Análise terminável e interminável* vai expressar isso:

> De todas as crenças errôneas e supersticiosas da humanidade, que se supõem terem sido superadas, não existe nenhuma cujos resíduos não se achem hoje entre nós, nos estratos mais baixos dos povos civilizados, ou nas capas superiores da sociedade culta. O que uma vez chegou a estar vivo se aferra tenazmente a conservar a existência. (FREUD, 1975c, p. 3348)

No trecho do texto freudiano, destacado acima, uma expressão chama atenção: o que uma vez teve vida se aferra à existência. No caso, este "estar vivo" situa-se do lado do *ter um corpo*. Isso nos permite diferenciar a crença da ficção. Ou seja, a crença constitui-se do lado de dar satisfação a *alguma coisa*, o que significa **dar corpo** a uma representação. Não é qualquer representação que funciona como

um sistema de crenças. Ela teria de vir no lugar da marca da objetalização do sujeito, onde se situa a memória de sua fragilidade originária. É preciso acrescentar que nesse **dar corpo** situa-se o tema do sacrifício.

A inscrição, resultante da perda originária, dá andamento ao funcionamento do corpo como pulsionalidade, instituindo uma gramática e perdendo-se, assim, o registro de uma natureza instintual. Neste sentido, a pulsão é - ela mesma - resultante da desnaturação do corpo pela linguagem. Por essa razão a satisfação implica na inscrição do traço de representação de um objeto - marcado pela linguagem - distanciado do que obedece a um índice de realidade, ou um indice instintual. A partir disso, a questão da satisfação introduz a dimensão do Outro para o sujeito: índice de sua submissão, tanto quanto de sua busca de amor.

A diferença colocada antes entre crença e ficção mereceria um desenvolvimento bastante amplo, que excede os limites deste artigo. No entanto, para as questões que nos interessam aqui, diremos de uma forma rápida e aproximativa que, conforme o colocado acima, a crença nos traz essa incidência de dar corpo a uma representação, instituindo todo um sistema por onde gira a satisfação: tanto seus constrangimentos e limitações, quanto sua insistência repetitiva. Do lado da ficção, talvez possamos situar nosso exercício de sujeito, onde - tal como Lacan (1998) propôs - a função da fala estabelece, na sua condição de endereçamento ao campo do Outro, a possibilidade de uma experiência verdadeira. É somente ali que uma mentira pode ter estatuto de verdade, na medida em que situa o lugar do sujeito num distanciamento do corpo.

Medida comum de classificação e sacrifício

Cabe destacar o ponto de articulação entre individual e coletivo nos fundamentos mesmos da produção desta marca de linguagem a que antes nos referimos. Nas diferentes constituições de laço social, a perda que desnatura nosso corpo é saudada por meio de rituais, instituindo as condições de uma interdição no lugar desta perda. É também relativamente a isto que esta perda institui algo como uma *medida comum de satisfação*; ou seja, que a dimensão do que poderia ser a satisfação para o sujeito é proposta socialmente. É desta maneira que, no lugar de uma perda de satisfação, se colocam propostas civilizatórias, como que constituindo o que seria a possibilidade de um gozo que circula. As propostas de eliminação do mal-estar, bem como a busca de consumo que nos caracterizam hoje, fazem parte desta tentativa de constituição de um gozo em comum. Encontramos, por exemplo, do lado da construção de identidades uma série de prescrições que propõem imagens sociais, às quais cada um busca correspondência individual.

Quando tratamos do estabelecimento do saber da ciência a partir de uma exclusão do sujeito, anunciamos um questionamento sobre os efeitos de retorno desta exclusão. Ou seja, de alguma maneira, propomos que o saber contém efeitos de clivagem e que esses efeitos fazem retorno nas produções do sujeito. Resta-nos, também, trazer algumas indagações sobre este retorno em termos de laço social. O retorno, aqui, se coloca num lugar muito particular, na medida em que o sujeito está no lugar de excluído. Historicamente este lugar da exclusão é ocupado por uma representação do corpo.

Retomando o texto freudiano *Totem e tabu* (1975c), um elemento trabalhado pelo autor na organização dos laços diz respeito a elementos que se situam, ao mesmo tempo, dentro e fora do sistema de trocas. Nas tribos de fratrias, por exemplo, muitas vezes a mulher

menstruada é colocada fora da aldeia, como que encarnando - ela mesma - o corpo que fica fora da medida comum de satisfação. Ao mesmo tempo, graças a isso que é fixado fora - ou seja, isso que é excluído - se dá a instituição daquilo que pode ser ou não compartilhado. Assim, os elementos tabu, pontuados por Freud (1975c), ficam - ao mesmo tempo - dentro e fora: encarnam a figura do que é excluído e, ao mesmo tempo, instituem as leis de circulação social.

Mesmo que as sociedades analisadas por Freud (1975c) neste texto tenham uma organização mais simplificada que a nossa, é possível reconhecer invariantes no que diz respeito ao que é excluído e ao que é admitido como valor social. Como já destacamos anteriormente, o corpo é suportado pelos discursos e, neste sentido, participa das condições de exclusão, ou de circulação. A análise freudiana, desenvolvida neste texto, traz o tabu como uma série de constrangimentos físicos, nos quais entra a relação entre a construção de representações e o sacrifício do corpo.

Assim, apesar de que os exemplos usados por Freud (1975c) pertençam a sociedades de organização bem distinta da nossa, o autor os relaciona a uma série de analogias com exemplos da clínica da neurose. Podemos, até mesmo, seguir seus desdobramentos para além do contexto freudiano. Apesar de não encontrarmos normas sociais prescritivas em seus detalhes, o tabu do contato, por exemplo, continua imperando como temor individual e o encontramos com insistência entre nós. Assim, todas as construções constantes dos exemplos analisados em *Totem* e *tabu* continuam povoando a clínica contemporânea, onde a fantasia sobrevive sustentando nossos temores ancestrais.

A constituição dessas fantasias se ergue no lugar de uma perda originária, como antes colocado, situada como uma perda que desnatura nosso corpo. Como essas representações mudam ao longo do tempo, na medida em que também nosso corpo muda, precisamos refazê-las enquanto bordas de trocas sociais. De alguma maneira é preciso que as bordas de nosso corpo sejam reconstruídas incessantemente, ao longo da vida. Em casos de crise, onde as bordas ameaçam fechar, se produzem passagens a ato. É o que acontece em muitos exemplos de adolescentes, que precisam escarificar-se a pele - cortar-se - para constituir bordas no corpo e separar-se de um Outro que os invade. Esse corte é da dimensão do sacrifício: nessa borda institui-se a possibilidade de uma separação, de uma perda corporal como pré-condição dos limites que suportam nossas diferenciações eu-outro, eu-objeto, etc.

Assim, neste tema está colocada a ambiguidade de um limite que possibilita. Ou seja, que as balizas dos contornos corporais precisam ser construídas no conjunto da relação com o Outro, no estabelecimento recíproco de territórios e geografias. Foi também relativo a estas questões que a antropologia denominou *interdição do incesto* ao estabelecimento de um ponto em que o humano se duplica, sacando-se do corpo, para estabelecer-se nas bases de seu recalque. É esse recalque que participou das construções dos sistemas de crença, nos diferentes tempos. Neles, situamos a perda que nos desnatura, do mesmo modo que a relação com esta crença instituiu as condições do sacrifício em todos os laços sociais. É no tema do sacrifício que se situa o que é excluído do sistema, que não retorna como satisfação em comum, mas que, ao mesmo tempo, é necessário na produção das bordas sociais. É neste ponto que hoje a dimensão do sacrifício interessa à psicanálise, na medida em que é nele que entra a produção do sintoma para o sujeito.

Para concluir, retomemos nosso tema prin-

cipal. A escuta da psicanálise re-introduz a dimensão do sujeito nos laços estabelecidos a partir da ciência: restaurando uma experiência singular num sistema de classificações. Este sistema responde a uma medida comum de alienação, sustentada por uma estrutura de discurso na qual o consumo ordena a dimensão do sacrifício no nosso tempo. O tema do sacrifício, como colocamos, retoma o que constitui bordas corporais - enquanto bordas sociais - instituindo a condição do que é excluído do sistema. É neste lugar que situamos a constituição da crença, como condição de uma satisfação que fica, ao mesmo tempo, dentro e fora do sistema. Como colocamos antes, a ciência, ao excluir o sujeito de seus pressupostos, não reconhece suas criações como retorno do que foi excluído. Nesse lugar, então, se erige o sintoma como o que resta do mal-estar.

REFERÊNCIAS

COSTA, A. **Corpo e escrita:** relações entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____ .**Tatuagem e marcas corporais:** atualizações do sagrado. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREUD, S. El mal-estar en la cultura. In : _____.**Obras Completas.** Madrid: Biblioteca Nueva, , 1975a.

_____. Escision del "yo" en el proceso de defensa. In: _____.**Obras Completas.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1975b.

_____. Analisis terminable e interminable. In: _____.**Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1975c.

_____. Totem y tabu. In: _____. **Obras Completas.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1975d.

_____. La interpretación de los sueños. In: _____. **Obras Completas.** Madrid: Biblioteca Nueva. 1975e.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 20:** mais, ainda... Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **O Seminário. Livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1985.

_____. **O Seminário. Livro 17:** o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **O Seminário. Livro 10:** a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2005.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

POLI, M. C. **Clínica da exclusão**: a construção do fantasma e o sujeito adolescente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Recebido em: 03/08/2009

Aprovado em: 06/10/2009